

# Vivendo com o Inimigo

*Rosa Broner Worcman\**

“Sabemos muitas mentiras dizer, símeis aos fatos  
E sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”.

Hesíodo – Teogonia

**Resumo:** Neste artigo, a autora explora o tema da violência, tão discutido e divulgado pela mídia, como sendo resultado de impulsos agressivos e destrutivos inerentes ao ser humano. Destaca, ainda, que a vida é o que de mais importante possui o homem e, no entanto, vai assassinando-a, cometendo imperceptíveis suicídios, no decorrer dos anos. Acrescenta que deparar-se com as próprias adversidades torna o homem mais humano e possibilita usar a destrutividade de maneira harmônica em benefício próprio e da humanidade. Conclui o trabalho apresentando algumas situações clínicas com nuances de violência camuflada, mostrando sua ação, transformação e integração.

**Palavras-chave:** Pensar. Violência. Destrutividade.

Nesses versos com que Hesíodo nos presenteou (apresentados em epígrafe), está presente, de forma concisa, o conhecimento de como falsificamos os fatos com racionalizações, com falsas percepções, nossas costumeiras mentiras, que nos vão envenenando, pois a mente carece de verdades. Complementa que está ao nosso alcance, dependente de nossa vontade e responsabilidade, buscar essas verdades, agüentar ouvir as revelações.

Em nossas vidas, convivemos com um inimigo perene, tantas vezes sorrateiro, outras tantas disfarçado, tantas ain-

---

\* Membro efetivo e professora da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

da negado. Filho do ódio, da cobiça, da inveja, dá constantes sinais, mas nos esforçamos por desconhecer. É conhecido como violência, destrutividade. Apresentado desde o início dos tempos por meio das verdades dos mitos, das lendas, descrito na Odisséia, por Homero, com as múltiplas peripécias de Ulisses; na Teogonia, por Hesíodo, quando Cronos corta os testículos do pai, come seus próprios filhos e depois é assassinado pelo filho salvo pela mãe, que era maltratada pelo pai; na Bíblia, a partir dos acontecimentos ocorridos com Adão e Eva. Violências em muitas formas.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2004), **violência** é definida como:

1. qualidade do que é violento / 2. ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra alguém; ato violento, crueldade, força / 3. exercício injusto ou discricionário, geralmente ilegal, de força ou de poder; 3.1. cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania / 4. força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência, violência sentimental, linguagem / 5. dano causado por uma distorção ou alteração não autorizada / 6. o gênio irascível de quem se encoleriza facilmente e o demonstra com palavras e ações.

Deriva do latim, com o significado de violência, impetuosidade, ardor, arrebatamento, caráter violento, ferocidade, sanha, rigor, severidade.

Dentro do mesmo campo de significado, algumas acepções, segundo o mesmo dicionário:

**Destruir:** [...] 2. causar a morte de (alguém, algo ou de si próprio); matar-(se), eliminar-(se), exterminar-(se).

**Destrutividade:** 1. qualidade de quem é destrutivo [...].

**Agressividade:** 1. disposição para agredir e ou provocar / 2. espírito empreendedor; energia, atividade, combatividade / 3. cf. Freud: conjunto de tendências presente em todos os indivíduos que se manifesta

em comportamentos reais ou fantasiosos que objetivam prejudicar, destruir ou humilhar o outro /4. cf. M. Klein: força que promove uma radical desorganização e fragmentação da psique.

Os mitos, os textos bíblicos, assim como as muitas obras literárias, artísticas, bem como os fatos da vida, dão espaço a interpretações variadas, conforme a seleção e necessidade dos autores. Neste caso, interessa-me pensá-los na vertente de atos de violência.

Limitar-me-ei a refletir sobre alguns aspectos referentes ao episódio de Adão e Eva. Quando Deus lhes ofereceu o jardim maravilhoso do Éden, com toda espécie de árvores atraentes e saborosos frutos que poderiam usufruir à vontade, apontou uma árvore frondosa, toda carregada de apetecíveis pomos, colocada no meio do jardim, bem à vista. Disse-lhes para que dela não se aproximassem, nem comessem seus frutos, pois, se o fizessem, morreriam.

Não é difícil imaginar como, num lugar em que tudo era aprazível, fácil, sob a regência absoluta do princípio do prazer, a atração exercida pelo apelo dos frutos da árvore do conhecimento ativou curiosidade, gula, cobiça, desejo, temor, suspeita... É preciso reconhecer que Adão e Eva não tinham conhecimento de bem e mal; não lhes foi dada oportunidade de irem convivendo e aprendendo com experiências de frustração, que poderiam ensejar-lhes condições de pensar e não atuar frente a uma interdição incompreensível. A serpente, que se sentia violentada pela posição subalterna que lhe tinha sido outorgada, possível representante da atração de Eva pelo fruto, vem se achegando sorrateira, rastejando, se avoluma, insidiosamente potencializa o desejo da mulher, que acaba resultando em ação: Eva e Adão comem o fruto proibido.

Segue-se a expulsão do Paraíso decidida por um Deus irado, que lhes promete uma vida permeada de dores (vingança?), já que não conseguiram se refrear, querendo igualar-se ao dominador, que queria manter o poder de decidir e reprimir.

Teria sido a primeira aprendizagem pela experiência: à desobediência,

seguiu-se a frustração, o sofrer a consequência de uma ação e, por conseguinte, a possibilidade de constituição do primórdio do pensar; plantou-se a semente do conhecimento. Significou a morte do absoluto do princípio do prazer, o nascimento do princípio de realidade e da coexistência dos dois.

No desenrolar do episódio ocorrido no Éden, houve uma série de ações que podem ser consideradas atos violentos, tais como: pôr em evidência, diante de Adão e Eva, então duas crianças, frutos saborosos cercados pela proibição de comê-los; a sedução da serpente; ameaça de morte; o domínio pelo domínio, para perpetuar uma posição infantil. A ameaça de morte se concretizou, pois morreu a ilusão de paraíso e começou a carreira de adulto, com dores e alegrias.

A saga de violência continua com Caim e Abel, e não mais se interrompeu. Desde tempos imemoriais existe a lembrança de uma constante: a violência presente em todos os setores, seres humanos aprisionados e rodeados por agressividade, destrutividade, crueldade. A história da humanidade pode ser contada pelas constantes guerras travadas e tantas vilanias, desde os primitivos homens das cavernas. O curioso é que esses atos são praticados também em momentos de paz (gladiadores, escravidão, por exemplo) para gozo dos espectadores, que tantas vezes pagam para assisti-los (boxe, luta livre, etc.). Há também a fascinação, o horror misturado ao gozo com que são acompanhados pela televisão e seguidos por jornais, filmes e revistas os massacres, crimes, vandalismos, embates de guerra, torturas, a “pornografia do sangue”, conforme expressão cunhada pelo escritor Amós Oz (2003).

Provavelmente não há definições suficientes para abarcar tudo o que entendemos por violência, pois podemos sofrê-la em todas as atividades e experiências psíquicas. É o pão-nosso-de-cada-dia. Violência no trânsito, no trabalho, na escola, até a educação, a cultura, a civilização, enfim, podem ser sentidas como crueldade, pois se interpõem ao nosso prazer, ao nosso imediatismo. Seria, pois, necessário considerar uma ação como violência apenas quando há o intuito consciente de agredir, de destruir?

É comum ouvir estarmos vivendo um período de maior violência, talvez em função de tantos acontecimentos e tão próximos de nós (furtos, roubos, seqüestros, assassinatos, terrorismo, guerras), trazidos pela televisão, que os seleciona e os coloca dentro da nossa casa, conhecedora da atração que exercem. O mercantilismo em ação. Será que tudo isso não existiu desde a criação do mundo, com os meios disponíveis em cada época? A rapidez com que os meios de comunicação trazem até nós, ao vivo, tudo o que acontece em qualquer parte do mundo, dando maior espaço e relevo aos horrores, estimula a impressão de uma época mais violenta, quantitativa e qualitativamente falando. Diretamente relacionados a isso estão, principalmente, o aumento populacional, a maior potência dos meios de destruição e o refinamento dos ardis utilizados. A proliferação em livros, revistas e papos na internet de apelos sexuais de todas as modalidades, dos muitos meios de se tornar rico, da importância avassaladora de se adquirir uma bela imagem, seria mesmo novidade ou apenas produto de propaganda mais incisiva e sofisticada? Basta ler os clássicos para verificar que esse mundo sempre existiu. Shakespeare traz à tona o mal e o bem que convivem no ser humano. Balzac retrata A Comédia Humana. Zola mostra a perversão e miséria existentes no mundo. Dickens expõe o sofrimento infantil. Isso para falar de poucos.

### Conjecturas

Se sempre existiu, o que estará acontecendo atualmente que motiva preocupação, discussões apaixonadas e iniciativas em torno da violência, centradas em suas múltiplas divisões e subdivisões: contra a criança, o lactente, o feto, o adolescente, o idoso, a mulher, o diferente, etc.? Observa-se que violência está em foco, com as várias categorias profissionais, governamentais e institucionais voltadas para compreendê-la, para descobrir meios de combatê-la, eliminá-la, diminuí-la, enfrentá-la.

Frente à complexidade dos fatos da vida, dá-se destaque à violência. Há tentativas de considerá-la consequência das diferenças sociais, religiosas (vide a celeuma com as células-tronco); enfatiza-se o descaso com a

educação e saúde; invectiva-se contra a corrupção que acontece em todos os extratos da vida pública, conduzindo à desmoralização dos costumes, como se tudo isso fosse novidade; fala-se da incitação provocada por filmes e videogames violentos, estimulando e facilitando ações extremas.

Hanna Arendt (1958) chama atenção para um elemento assustador: a “banalidade do mal”, o vazio do pensamento, talvez a defesa que se constrói para se defender de choques. Nosso silêncio, nossa indiferença, nossa acomodação consiste em violência contra nossa responsabilidade e contra os outros. Será que nos damos conta disso, de que indiferença é uma forma de barbárie? Assistimos a tudo como espectadores não-participantes, fixando-nos na aparência das coisas, sem lhes procurar o sentido; a futilidade se tornou a substância.

Um exemplo pueril pode indicar por onde caminha a humanidade. Trata-se da resposta de uma empregada à sua patroa: “Se o presidente rouba, se os deputados roubam, se os juízes roubam, porque a senhora acha que eu devo me envergonhar de roubar?”. O homem é egoísta: individualismo fica em alta, ética e moral ficam em baixa.

Permanece, então, as questões: há algum elemento novo que nos faz colocar a violência em destaque? Por que a preocupação e ocupação atual com a violência? De onde vem ela?

Apresento para discussão, a partir das seguintes perguntas-hipóteses, uma idéia em trânsito para um trânsito de idéias: será que o que se está ampliando e disseminando é a captação intuitiva de que essa violência tão aterrorizadora e aversiva está contida em cada um de nós, vem de nós, se manifesta contra nós e/ou atua contra os outros, e/ou projetada nos outros? Estaremos, desajeitadamente, nos aproximando da noção de que está em nossa mente a fonte, a origem de todo tipo de violência, como tantos pensadores denunciaram mas evitamos conceber?

É comum a crueldade ser racionalizada e justificada, colocando-se a culpa no outro: *fulano me provocou, levou chumbo; minha mulher me irrita, merece apanhar; aquela moça se veste despidosamente, convidou-me a estupra-la; beltrano não pensa como eu, atrapalha meu caminho, preci-*

*sa ser morto; minha religião é a única, a verdadeira, então destruo quem não a segue.* Encontram-se justificativas para todos os atos de terrorismo; cada um tem a razão e esta deve prevalecer. Todo aquele que não pensa e não age como eu coloca em risco minha ilusão de segurança, de possuir a verdade. Mesmo fatos exteriores corriqueiros, não violentos, são sentidos e percebidos como tais em função de não se conseguir pensar, de não separar pressuposto e realidade. Conseqüentemente, passa-se a agir com ações impensadas de ataques, revides, e o terror vai num crescendo.

Pensar não significa somente submeter algo ao processo do raciocínio lógico, o que poderia ser uma racionalização. É preciso também ter a capacidade de enfrentar e tolerar frustrações advindas da existência de fatos adversos, da presença do outro, diferente e separado de mim – o que suscita idéias e emoções contraditórias diante das quais é necessário organizar-se. Esquece-se que pensar também significa cuidar, cuidar de si, de como se posicionar diante dos acontecimentos e emoções presentes, ato responsável pelas conseqüências, reconhecendo-se ser parte, pequena mas importante, de um todo maior.

Somos *experts* em fabricar mentiras que se adaptem aos fatos; racionalizá-los é recusar-se a enfrentá-los, é justificar ações impensadas.

Susan Sontag (2003) faz uma citação reveladora de nossa realidade:

Alguém que se sinta surpreso com a existência de fatos degradantes, alguém que continua a se sentir decepcionado e até incrédulo diante de provas daquilo que os seres humanos são capazes de infligir em matéria de horrores e de crueldade a sangue frio contra outros seres humanos, ainda não alcançou a idade adulta em termos morais e psicológicos.

É um alerta para a congênita existência dos aspectos sombrios que preferiríamos enxergar só nos outros. O mundo tempestuoso das motivações humanas não pensadas eclode em violência que se esparrama por todos os lados. A realidade é insuportável; prefere-se não pensá-la. Perceber

o mundo insidioso que habita em nós é tarefa para poucos, o que torna duvidoso o desenvolvimento da mente.

Estaremos ameaçados, temendo pela nossa sobrevivência e pela sobrevivência da humanidade? Intuitivamente começamos a perceber que precisamos tentar nos aproximar de características indesejáveis de nossa personalidade, ainda que seja por tabela, olhando-a a partir das projeções sobre os vários setores? Poderemos retirar essa camuflagem que nos traveste de anjos e os outros de diabos? Talvez por aproximações sucessivas cheguemos a perceber as múltiplas nuances da violência em nós contida, bem como as capacidades que temos para trabalharmos com ela, transformando-a em algo produtivo ou menos ameaçador.

Essa é uma hipótese otimista. Existe, porém, outra. Esta vem como um alerta: será que estamos correndo o risco de que todas essas preocupações com a violência percebida nos outros consista em um meio de nos distrairmos, nos alhearmos, nos distanciarmos dessa violência inerente que carregamos? Seriam defesas para não nos achegarmos a essa que está contida em todos nós? É mais confortável localizar a violência no outro? Escamotear uma parte de nós mesmos? Isso é assustador, pois nos afasta cada vez mais da verdade de nós mesmos, envenenando-nos com a mentira de sermos bons. Pode levar-nos a ser cada vez mais cruéis ao querer extirpar qualquer indício de violência interna e externa, o que não levaria a desenvolvimento algum.

É necessário coragem para estar num estado de constante exploração, na tentativa de aproximação ao que realmente somos, mesmo sabendo ser uma trajetória permeada de sofrimento e sem fim. Conhecemos bem a dor intensa que advém da possibilidade de maior contato com aquelas qualidades e sentimentos aversivos, renegados, que faz com que os projetemos para bem longe, em movimento hiperbólico, na tentativa de eliminá-los.

### **O mundo que desconhecemos: nova história começa com Freud**

Quando, com a teoria psicanalítica, Freud desvelou ao mundo que o ser humano, tão ufano de sua lógica, de sua razão, tão orgulhoso de seu

livre arbítrio, não era senhor nem de sua própria casa; quando apresentou a existência de uma parte inconsciente até então negada, à qual não se tinha acesso fácil e que mesmo assim comandava nossas emoções, pensamentos e ações; quando desvendou quão tênue é a linha que separa criminosos dos demais mortais, todo esse conhecimento foi recebido como um golpe violento desferido contra o narcisismo das pessoas.

Metaforicamente, comeu-se do fruto proibido, houve a expulsão do paraíso da razão, a tênue percepção da ilusão de nossa onipotência, uma aproximação a nossa ignorância, a nossa limitação.

A presença desse desconhecido já tinha sido denunciada pelos antigos filósofos e literatos. Freud, com seus textos, trouxe elementos acessíveis para um início de aceitação e compreensão dessa parte inconsciente, desse estranho em nós, sujeito a leis próprias, sob o domínio das pulsões, instintos de vida e de morte. A partir de observações, elaborou uma teoria que abarcava a existência de agressividade, destrutividade, filo e ontogeneticamente presentes. M. Klein enfatizou esses aspectos, observados e aceitos por muitos, mas rejeitados por outros. Essa teoria nos permite a hipótese de que a violência interna ou externa está calcada num ingrediente preexistente no indivíduo e se manifesta em diferentes situações, conforme as experiências vividas vão se sucedendo.

Mesmo sabendo que ia provocar uma desorganização, a “peste” – pois a simples idéia da existência do irracional em nós constitui-se em violência –, o intuito de Freud não foi o de ferir, mas de propiciar que do caos pudesse raiar a luz. Não foi o responsável pela dor, pela humilhação sofrida pelos seres humanos.

Faz parte de nossa observação, como comentários banais feitos no dia-a-dia, conversas nos grupos de estudo, apontamentos em supervisões, assinalamentos em encontros psicoterapêuticos, atitudes que podem provocar reações emocionais tempestuosas, choques, como se fossem um punhal cravado em ferida aberta, com o objetivo de machucar, destruir. É necessário enfatizar que, tantas vezes, não é o ato em si que é violento, mas sim a representação a ele associada que se torna importante. A interpreta-

ção feita o torna uma experiência psíquica que vai além da capacidade de absorção do pensar da pessoa envolvida.

Partilho de alguns pressupostos: considero que os seres humanos são feitos da mesma natureza e essência, mas sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer outra pessoa. É como entendo a frase de Terêncio: “Nada que é do homem me é desconhecido”. Mas o ser humano se rebela contra sua humanidade; não quer saber de limites, nem de conter características que não aprova. A natureza nos dotou, em potencial, com ingredientes passíveis de desenvolvimento: seriam as pré-concepções de que nos fala Bion. Tudo o que contemos é um campo aberto para realizações que vão acontecendo no decorrer da vida; realizações essas que continuam aptas a novas evoluções. Conforme vão se processando os encontros com o meio ambiente, dependentes de nosso aproveitamento ou rejeição às pessoas e aos acontecimentos que nos atingem, vão-se combinando diferentes ingredientes, em diferentes formas e quantidades, prontos a se recombinarem; um caleidoscópio, embora o caleidoscópio tenha um número finito de partículas. Não sei a amplitude do campo das pré-concepções. Vamos desenvolvendo uma maneira própria de nos posicionar, construindo uma identidade passível de transformação ou não, dependente de circunstâncias e de nossa carga genética. É um constante vir a ser, o apropriar-se do que em nós existe em suas múltiplas possibilidades.

Nessa carga genética, destaco as emoções básicas: amor, ódio, medo, ansiedade, culpa, bem como o limiar de frustração, que poderá ajudar ou dificultar nossa experiência de vida. Postulo que a violência das emoções e de suas manifestações não consiste apenas na quantidade e/ou intensidade dessas emoções, mas, sobretudo, na dificuldade de pensá-las.

Cumpre ressaltar que ser humano é estar em conflito, digladiar-se numa luta constante entre amor e ódio, Deus e Diabo, bem e mal, vida e morte, princípio de prazer e realidade, parte infantil e adulta da personalidade, conhecimento e não-conhecimento. Se, como diz Bion, a verdade é o alimento da mente, o conhecimento negado, não auferido, transforma-se em veneno. Daí que o conhecer e o não-conhecer correspondam ao conflito

de vida e morte ou de amor e desamor a si próprio, com o não-conhecer se revertendo num ato de autoviolência, os imperceptíveis suicídios que perpetrados continuamente. A fonte de tantos insucessos e sofrimentos na vida pode estar no desconhecimento de nossa própria natureza.

Desde a mais tenra idade vamos colocando máscaras, revestindo-nos de mentiras, não arbitrariamente, mas por bons motivos, medrosos, envergonhados de nós mesmos; são nossas defesas. Refletem o entendimento dos embates que nos desafiam, nossos pressupostos, nossas idealizações, tentativas de controle. Vamos formatando uma identidade equivocada, como um rio que se desvia de seu curso natural em virtude de escolhos encontrados no caminho. Quanto mais radical o combate, mais severo é o descaminho; incrementa-se a violência, vivenciada de várias maneiras, tantas vezes enxergada no outro, até jogando-lhe a culpa por dor e sofrimento vividos, ignorando-se a própria contraparte.

### **“Onde a vida que perdemos quando vivos?”**

É a pergunta que o poeta Eliot nos faz. Tantas vezes a violência se encontra tão camuflada que é difícil a pessoa reconhecê-la. Utilizamos tanto a máscara que nem percebemos que ficou grudada, que não dá para retirá-la. Quando falseamos a verdade, negando, distanciando-nos do que e do como somos, vamos nos autodestruindo.

Comenta-se, assusta-se, escandaliza-se com assassinatos, roubos, furtos, com a violência contra a natureza, todos visíveis. Ataques internos são dificilmente perceptíveis, mesmo sendo barulhentos. São defesas, máscaras não apreendidas como tais.

Uma delas, freqüentemente usada, é a de vítima. Com essa postura perpetua-se o sofrimento, alimentado de ressentimento, raiva, frustração. A dor se mantém viva, atual, pois a mágoa é continuamente lembrada, cada vez pintada com novas cores, detalhes são acrescentados. A injustiça sofrida é contada e recontada, não pode ser esquecida; tem sede de vingança.

É parte do que acontecia com uma analisanda. Justificava seu ódio, em permanente e virulenta atividade, com fatos passados, vivenciados

como muito sofridos, humilhantes. Invectivava contra mim por tudo que lhe dizia. Não percebia que interpretava e reagia a acontecimentos atuais como repetição, iguais aos anteriormente vividos. Utilizava seu tempo arquitetando vinganças; respondia a tudo e a todos com extrema violência. Respostas hostis, sempre achando estar com a razão, vitimizada, culpando todos pelo seu sofrimento. Fazia de sua vida um verdadeiro inferno, sempre rejeitada, o que atribuía à maldade dos outros. Sua frase mais ouvida era: é o ódio que me faz viver. Levou tempo até que a ouvi dizer: não é a análise que me produz sofrimento nem os outros; são os meus problemas. É possível que a angústia sofrida com sua violência interna, enquanto não pensada, fosse tão volumosa que, se não a descarregasse, acabaria com ela – o que torna verdadeira uma frase repetida continuamente de que o ódio contra os outros é que lhe permitia viver. Era o recurso que podia utilizar, sem se dar conta do quanto se agredia ao refugar algo seu e sem conseguir a desejada comiseração e aceitação dos outros.

Trabalhei com uma pessoa gentil, bondosa, suave, querida por familiares, colegas, conhecidos, tida como exemplo na escola e no trabalho. É como aprendera e queria ser, mas se sentia infeliz. Era incapaz de interromper uma conversa com outra pessoa ainda que isso a atrapalhasse; ficava de madrugada terminando o trabalho escolar dos filhos, pois achava que era a obrigação de mãe; engolia e satisfazia as vontades da mãe, sem poder dizer-lhe um “não”, permitindo-lhe imiscuir-se em sua casa, o que lhe causava desprazer. Não tinha tempo para diversão, tão ocupada ficava em não machucar ninguém. Obrigava-se a aceitar tudo o que eu lhe falava, como vindo de uma autoridade. Foi lenta a percepção da chacina que se impunha. Novos conflitos apareciam quando ela interpretava como agressividade e má-educação suas tentativas de fazer prevalecer sua vontade; sentia-se culpada. É difícil para uma pessoa que se acredita tão boa, justa, elogiada, dar-se conta do disfarce que elegeu e do quanto está se agredindo, se prejudicando. Uma hipótese possível seria a de que o amor pelos objetos internos a impeliria a esse viver, com necessidade de sacrificar sua vida por todos; caso contrário, provocar-lhes-ia dor e sofrimento insuportáveis, causando-

lhes até mesmo a morte. Ao mesmo tempo, essa máscara, como em geral todas as que se utilizam, tinha seu lado satisfatório, pois ficava se acreditando poderosa, importante, a única capaz de tirar as pedras do caminho de todos. Dessa maneira, distanciava-se de sua dor de se perceber limitada, impotente, passível de todas as qualidades de ser humano.

Outra pessoa se apresentou como super-eficiente, batalhadora, circulando em altos escalões, sempre bem-vinda, pois arrumava tempo para qualquer trabalho que lhe pediam. Escrevia, discursava, sem deixar de ser excelente dona de casa, mãe de família. Dizia-se realizada. Dava-me a impressão de que seu dia tinha 48 horas. Sua justificativa para iniciar uma análise foi a de querer aprofundar o conhecimento que já tinha de si própria, apesar de constantemente afirmar que já se conhecia muito bem. À medida que fomos trabalhando, foi-se fazendo presente uma temida e ameaçadora depressão, terror do silêncio e do vazio. Constatou a energia que gastava em se enganar para ser mulher-maravilha. Quando um dos filhos fez uma tentativa de suicídio, assustou ao se dar conta do quanto se iludira, acreditando que marido e filhos estavam bem, ignorando o sofrimento deles, pois, sempre exigente, só se baseara em produção, no sucesso que alcançavam. Frequentemente, quando ignoramos a violência contra nós mesmos, ela se reverte em violência contra os outros também.

Violência nem sempre é prejudicial. Há ocasiões e situações em que é necessária para a evolução. A raiz da palavra está no latim, *vis*, que significa força, vitalidade, vigor. Destrói-se para se poder construir. Para comer, para viver, destruimos alimentos, animais. Destruímos ilusões na tentativa de alcançar verdades. Além disso, tantas vezes, não é o ato em si que é destrutivo; depende da interpretação e da função que lhe é dado. Educação, civilização, comer o fruto da árvore proibida servem à evolução. Massacres perpetrados contra a própria pessoa ou descarregados nos outros necessitam perlaboração, pois são deletérios, prejudiciais, impeditivos de desenvolvimento.

Existem na vida circunstâncias tenebrosas, horripilantes, frente às quais podemos muito pouco ou nada; é comum, entretanto, nós mesmos

criarmos o inferno, impulsionados por forças internas não pensadas ou por produto de interpretações baseadas em falsas percepções. Achejar-se aos enigmas da mente, confrontar-se com verdades nem sempre aprazíveis, desbaratar teorias construídas sobre mentiras e falsidades é um caminho para lidar com a violência, calcada tantas vezes em auto-engano. “Para conhecer faz falta ter tolerância ante o sofrimento e valor para seguir adiante sem cair em mentiras sobre nós mesmos” (Platão). Acredito que foi essa a idéia de Freud ao trazer ao alcance de todos as suas investigações sobre o desconhecido em nós, visando com isso facilitar o desenvolvimento do ser humano e da civilização, apesar da força do instinto de morte revelada nos atos hostis, destrutivos.

Se quisermos que o sonho de viver uma vida melhor em um mundo melhor não seja uma utopia, é necessário desenvolver a capacidade de pensar, conhecer e conter o melhor possível aquilo que herdamos, a fim de utilizarmos o manancial de amor, bondade, solidariedade, respeito, responsabilidade para contrabalançar violência, crueldade, destrutividade.

Com o impulso deste Amor e a voz deste Apelo  
Não cessaremos nunca de explorar  
E o fim de toda a nossa exploração  
Será chegar ao ponto de partida  
E o lugar reconhecer ainda  
Como da primeira vez que o vimos.  
...E tudo irá bem  
Quando o fogo e a rosa forem um.  
Eliot

Entendo que o ponto de partida seja aquele original, intocado pela máscara da defesa. Quando fogo e rosa, ódio e amor, masculino e feminino, violência interna e externa puderem conviver em harmonia, em meio aos sobressaltos, o rio retorna a seu curso, aquele natural, do qual se desviou, pelo temor dos percalços à frente.

## Living with the Enemy

**Abstract:** The paper deals with violence, a topic that has been widely debated and depicted by the mass media, as being the result of aggressive and destructive impulses that are inherent to human beings. It highlights that life is the most precious thing man was given, but that he ends up annihilating it by committing imperceptible suicides over the years. It also shows that having to cope with hardships renders man more humane, allowing him to use destructiveness in a harmonious fashion to his own benefit and to the benefit of humankind. Finally, the article gives an inkling of some clinical situations, showing some aspects of disguised violence, and its action, transformation and integration.

**Keywords:** Thinking. Violence. Destruction.

## Viviendo com el Enemigo

**Resumen:** En este artículo la autora explota el tema de la violencia, tan discutido y divulgado por los medios de comunicación. Como el resultado de impulsos agresivos y destructivos propios del ser humano. Destaca, además, que la vida es lo que de más importante posee el hombre pero que, sin embargo, la va asesinando, cometiendo imperceptibles suicidios en el correr de los años. Agrega que encontrarse con las propias adversidades lo hace más humano el hombre y le hace posible usar la destructividad de manera armónica en su beneficio y de la humanidad. Concluye el trabajo mesentando algunas situaciones clínicas con matices de violencia camuflada, mostrando su acción, transformación e integración.

**Palabras-clave:** Pensar. Violencia. Destructividad.

## Referências

ARENDDT, H. (1958). **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

\_\_\_\_\_. (1963). **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Diagrama e Texto, 1983.

ELIOT, T.S. (1963). **Poesia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SONTAG, S. **A dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 95.

OZ, A. Entrevista a Sol Alameda. **Revista Entre Livros**, São Paulo, n. 20, 2006.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

### Rosa Broner Worcman

Praça Germânia, 32/181 – Jardim Europa

014550-080 São Paulo – SP – Brasil

Telefone: (11) 3812-1775

Fax: (11) 3816-2749

E-mail: rosabw@terra.com.br